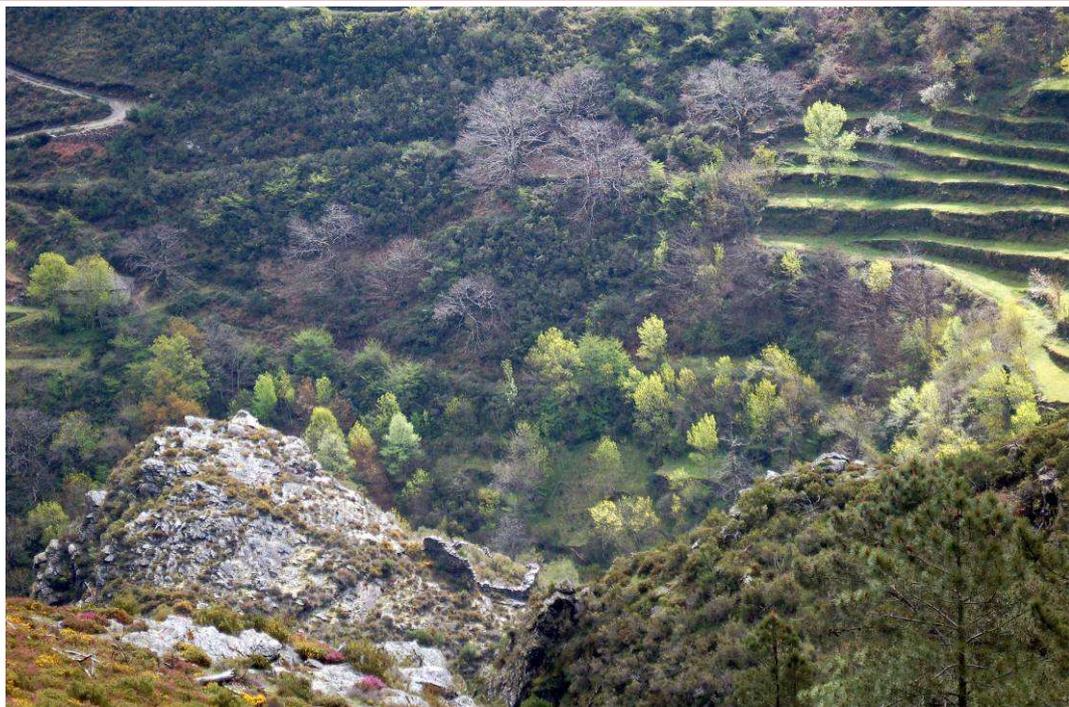


MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO

Apiarian walls from the mountains of Alvão and Marão: its
contribution to the study and preservation

António Pereira Dinis¹ & A. Mário Dinis²



Palavras-chave: Serras do Alvão e Marão; Mondim de Basto; Muros-apiários.

Key words: mountains of Alvão and Marão; Mondim de Basto; apiarian walls.

¹ Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Investigador do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (FLUP-UM).

² Mestrando em Arqueologia na Universidade do Minho. Investigador do CITCEM.

Resumo

Durante as últimas décadas, a paisagem rural nortenha sofreu profundas alterações como resultado do abandono das práticas ancestrais. O despovoamento das aldeias, particularmente intenso a partir dos anos setenta do século passado, a progressiva mecanização da agricultura e o envelhecimento das populações rurais são responsáveis pela decadência e extinção das actividades tradicionais e pela ruína das construções agrícolas com elas relacionadas.

Face ao desaparecimento acelerado dos moinhos, das azenhas, dos lagares, dos fornos, das eiras, etc., multiplicam-se as acções de inventariação e estudo destas arquitecturas vernaculares, com o intuito de preservar a sua memória quando já não é possível a sua recuperação e valorização, essenciais ao desenvolvimento rural ancorado no aproveitamento turístico do seu património cultural.

Conhecer, valorizar, proteger e divulgar os Muros-apiários da vertente ocidental da cordilheira do Alvão-Marão, em Mondim de Basto, no Norte de Portugal (Figs. 1 e 2) são objectivos de um projecto em marcha neste concelho, integrado num plano de recuperação e promoção do património construído, disperso pelo município, de modo a incrementar a sua fruição numa óptica de progresso das suas aldeias. Iniciado em 2007, no âmbito da actualização de dados para a revisão do PDM, faz-se neste trabalho o balanço das acções empreendidas que resultaram na identificação de mais de duas dezenas de muros-apiários e na recolha de informações orais, toponímicas e documentais relevantes, que fazem acreditar na existência de muitos mais exemplares, facto que coloca o território do Alvão-Marão entre as regiões com maior densidade de vestígios desta tipologia.

Abstract³

During the last decades, the northern countryside has undergone profound changes as a result of the abandonment of traditional practices. The depopulation of villages, particularly intense since the seventies of last century, the gradual mechanization of agriculture and rural aging populations

³ Tradução de Maria Elsa Flor.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

are responsible for the decline and extinction of traditional activities and the ruin of related agricultural buildings.

Given the rapid disappearance of the mills, the water-mills, the presses, the ovens, the threshing-floors, etc., increase the measures to survey and study of these vernacular architecture, in order to preserve its memory when it is not possible its rehabilitation and recovery are essential for rural development anchored on tourist use of their cultural heritage.

Know, appreciate, protect and reveal the apiarian walls western slope of the ridge of Alvão-Marão, in Mondim de Basto, are objectives of a project under way in this county, part of a recovery plan and promotion of the built heritage, scattered throughout the municipality in order to increase their enjoyment with a view to revitalizing its villages. Started in 2007, in updating of data for the review of MMP, it is this work the balance of actions that resulted in the identification of more than two dozen apiarian walls and collecting place names and oral information relevant to believe there are many more copies, which puts the territory of Alvão-Marão between the regions with high density of traces of this type.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**
António Pereira Dinis & A. Mário Dinis



Figura 1. Localização de Mondim de Basto na Península Ibérica.

Introdução

Os muros-apiários, designados na região do Alvão-Marão por silhas, ou simplesmente por muros, são grandes vedações pétreas, implantadas nas encostas ou sobre morros de difícil acesso, destinadas a proteger os enxames de abelhas, presumindo-se que os principais predadores seriam no passado o texugo (*Meles meles*) e o urso pardo (*Ursus arctus*).

De planta maioritariamente subcircular, com perímetro e altura variáveis, estas arquitecturas, construídas em alvenaria de granito, xisto e quartzito, são providas de um estreito vão de acesso e estruturam no seu interior várias plataformas horizontalizadas, pavimentadas com lousas, que os habitantes denominam “*estradoilas*”, servindo de assentamento aos cortiços das abelhas.

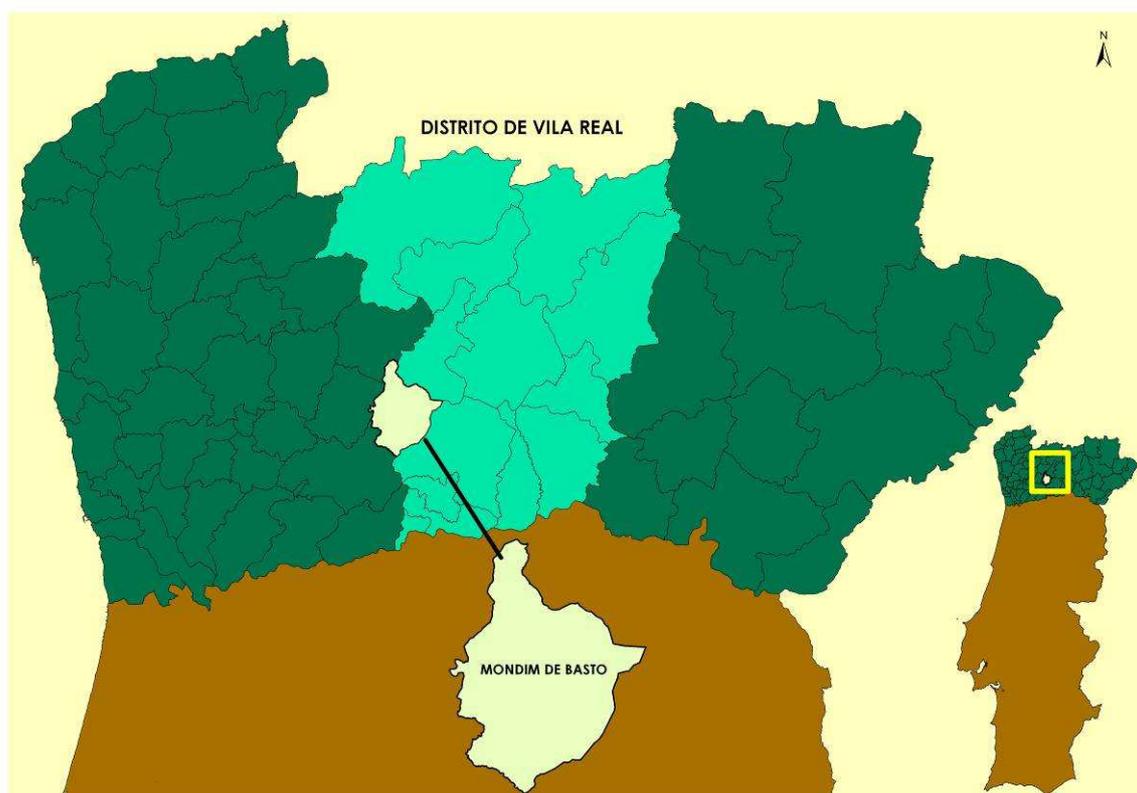


Figura 2. Localização de Mondim de Basto no Norte de Portugal.

Desconhecendo-se a sua introdução na paisagem rural nortenha, mas admitindo-se que já existissem na Idade Média a avaliar pelo peso do mel e da cera nas exportações portuguesas de finais do século XIII (MARQUES 1996, 515-519) e pela perseguição desencadeada contra o urso, como indicia alguma documentação dessa época⁴, os muros-apiários terão começado a perder a sua principal função, no século XVII, com a extinção do maior predador das colmeias⁵, desocupando-se as estruturas e acelerando-se a sua ruína.

Em muitas freguesias do Gerês, nos meados do século XVIII, só a memória e os restos de muros visíveis nas encostas e sobre os morros comprovam a existência de ursos naquela serra⁶ e, em algumas aldeias de Basto, nos finais do século XIX, até a serventia dos muros-apiários já tinha sido esquecida⁷.

O declínio progressivo da apicultura e a falta de conservação dos muros ditará o seu abandono e esquecimento, acabando por se manterem activos apenas alguns exemplares, em regiões isoladas das cordilheiras nortenhas sendo hoje praticamente residual a memória de uma actividade que teve tão grande peso sócio-económico nas comunidades de montanha.

A longa utilização de muros-apiários, que em Mondim de Basto se documenta até aos anos sessenta do século passado, deverá relacionar-se com o grande conservadorismo da região traduzido na manutenção das práticas ancestrais e na longevidade das suas arquitecturas, implantadas em óptimo ecológico, nas encostas ensolaradas voltadas a Sul e Poente, abrigadas dos ventos dominantes, com farto coberto vegetal e próximas dos cursos de água.

4. Vários forais medievais portugueses exigiam de foro um certo número de mãos de urso, medida destinada a proteger a actividade apícola mas que poderá ter contribuído para uma mais rápida extinção, no nosso país, daquele animal (SEQUEIRA s/d, 237). Relativamente a Mondim de Basto, vila foreira ao rei, as Inquirições de D. Afonso III, de 1258, impunham que "(...) se matavam porco montês davam daí a espádua e davam a mão do urso (...)" (LOPES 2000, 106).

5. Embora se considere, oficialmente, que o último urso existente no nosso território tenha sido morto na serra do Gerês, em 1650, tal facto é contestado por alguns estudiosos que admitem que este predador se tenha mantido entre nós por mais algumas gerações após aquela data. Documentação histórica e relatos de avistamentos dão conta da presença esporádica de ursos, nas regiões fronteiriças de Portugal, durante os séculos XIX e XX. Há mesmo a referência à morte de um exemplar, no planalto de Castro Laboreiro, em 1946 (CAETANO & FERREIRA 2003, 29 - 31).

6. A ruína de muros-apiários da serra do Gerês e a relação destas construções com a protecção aos enxames de abelhas ficou registada nas Memórias Paroquiais de 1758, pelas informações do Pe. Custódio José Leite, abade de S. João do Campo (Terras do Bouro) e do Pe. João Álvares de Azevedo, abade de S. Tomé de Parada (Montalegre). O primeiro dá voz à "(...) noticia que em hum lugar da serra [do Gerês] no anno de mil e seiscentos e cincoenta, em hum sitio chamado a Quelha da Urça se matara huma destas feras ao que dou credito em rezao de eu ocularmente ter visto alguns ou varios rapados de altura de mais de quinze palmos e outros por cima de penedos por causa desta fera destruir os cortiços das abelhas os coais levando-os ao rio nos braços e afogados lhes comiam o mel" (CAPELA 2003, 416). O segundo, dá conta que "Há quem se lembre de hum homem da freguesia de Cabril que matou no ditto Gerês hum urso. Certifica havê-los nesse tempo por se verem de presente sinaes de muros de colmeas sobre pedras altas para se livrarem delles" (Idem et alii 2006, 344).

7. Numa visita ao Outeiro da Cilha, na freguesia de Pedraça (Cabeceiras de Basto), Francisco Martins Sarmiento interrogava-se sobre a serventia de um muro com altura de três palmos que circuitava o topo do outeiro e que segundo ele, atendendo às dimensões, não podia ser uma fortificação (SARMENTO 1999, 146-147).

1. Muros-apiários no concelho de Mondim de Basto

Relacionando os dados arqueológicos identificados com as informações colhidas na documentação antiga, na cartografia e no registo oral, chegamos à conclusão que a produção de mel e cera terá tido um especial significado sócio-económico no município de Mondim de Basto, talvez desde a Idade Média, ocupando largos sectores da população durante séculos. Neste território, destaca-se pela quantidade de indícios uma parcela próxima da cordilheira do Alvão-Marão, coincidente com o antigo concelho de Ermelo⁸, região com relevo muito acidentado e solos com fraca apetência agrícola, factores que terão determinado os modos de vida das suas gentes e feito depender a sua sobrevivência da exploração de uma gama variada de recursos onde se salientaram a pastorícia, a recolocção e a apicultura, a par da mineração do cobre e estanho, da metalurgia do ferro e da feitura de cal. A validação de Ermelo como espaço singular de produções agro-silvo-pastoris e, particularmente, a sua fertilidade em “*mie*” é testemunhada na obra “*Población General de España*”, escrita em 1695 (LOPES 1996, 38). O peso que a apicultura terá tido no contexto das actividades produtivas encontra eco no “*Livro de Usos e Costumes da Igreja de Ermelo*”, datado de 1707, o qual releva a obrigação dos fregueses pagarem dízimo da cera, dos enxames e das colmeias que possuíam (*Idem* 2000, 259), encargo que a nosso ver atesta, ainda para o século XVIII, o importante papel daquela actividade no conjunto das receitas da igreja local.

Estranhamente, as Memórias Paroquiais de 1758 não fazem qualquer referência àquela produção mas a relevância da apicultura na segunda metade do século XVIII e no século XIX seria manifesta, como sugere a iconografia do brasão do município, com representação de oito abelhas, tantas quantas as freguesias que o integram. Por outro lado, a toponímia concelhia, que regista entre outros nomes os de *Muro*, *Lomba dos Muros*, *Muradal*, *Alto da Cilha de Cima*, *Malhadas* e *Abelheira* e a presença de tantos restos de muros-apiários, cujas dimensões subentendem a protecção de milhares de cortiços, alguns deles com reconhecida longevidade de utilização, parecem apontar no mesmo sentido.

⁸ Instituído no reinado de D. Sancho I (1196) e extinto durante a Regeneração (1853), este concelho, originariamente constituído pelas freguesias de Ermelo e Bilhó, veio a ocupar uma extensa área das Serras do Alvão e Marão, abrangendo além daquelas freguesias as de Vilar de Ferreiros, Campanhó e Pardelhas, do actual concelho de Mondim de Basto e Lamas de Olo, Campeã, Vila Cova e Quintã, do de Vila Real (JORGE 1996, 13).

No panorama actual, o conjunto de muros-apiários identificado no município de Mondim de Basto, embora genericamente em mau estado de conservação, assume-se como um inegável valor patrimonial, um valioso documento revelador das estratégias de exploração dos recursos locais e das técnicas de construção arcaicas que urge preservar e divulgar.

2. Caracterização dos muros-apiários

Os vinte e um muros-apiários já observados no concelho de Mondim de Basto (Fig. 3), identificados a partir da microtoponímia e de informações orais, localizam-se a curta distância das margens dos rios Tâmega, Cabril e Olo e de outras linhas de água menores, a altitudes que se situam entre 240 e 640 m, no terço inferior das encostas ou no fundo de vales, quase sempre sobre a confluência de dois cursos de água de diferente importância.

Além da forma subcircular, maioritariamente representada, com diâmetros que variam entre 7.00 e 25.00m, encontrámos plantas rectangulares com os cantos arredondados, plantas semicirculares e plantas em U ou em ferradura.

O material de construção utilizado é o que aflora na zona de implantação, sobressaindo as rochas metamórficas, uma vez que a maioria dos muros-apiários assenta sobre formações paleozóicas (Fig. 4). O granito está presente no Muro de Travassos e nos do Bilhó, área integrada no Maciço Compósito de Vila Real. É de salientar o aproveitamento dos afloramentos que ocorrem nos locais de fixação, os quais sempre que possível são integrados na própria estrutura. Da nossa observação ressalta o uso, generalizado, de lousa, tanto para lajear os patamares onde assentavam os cortiços como para as tampas que os cobriam (Fig. 5). Este material seria proveniente das louseiras exploradas na freguesia de Pardelhas.

Invariavelmente, o aparelho dos muros é irregular com as pedras assentes a seco (Fig. 6). No Requeixo, a tendência dos muros é para a organização em fiadas horizontais, salientando-se ainda o capeamento do topo, constituído por lajes colocadas obliquamente (Fig. 7), solução que também se encontra nos muros que delimitam as propriedades envolventes. No Bilhó, num dos muros que ainda não tivemos oportunidade de visitar, o remate dos muros é feito com pedras

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

salientadas para fora, resultando num beirado (Fig. 8) perfeitamente reconhecível nas fotografias que nos enviaram⁹ e que são a primeira informação da sua existência.

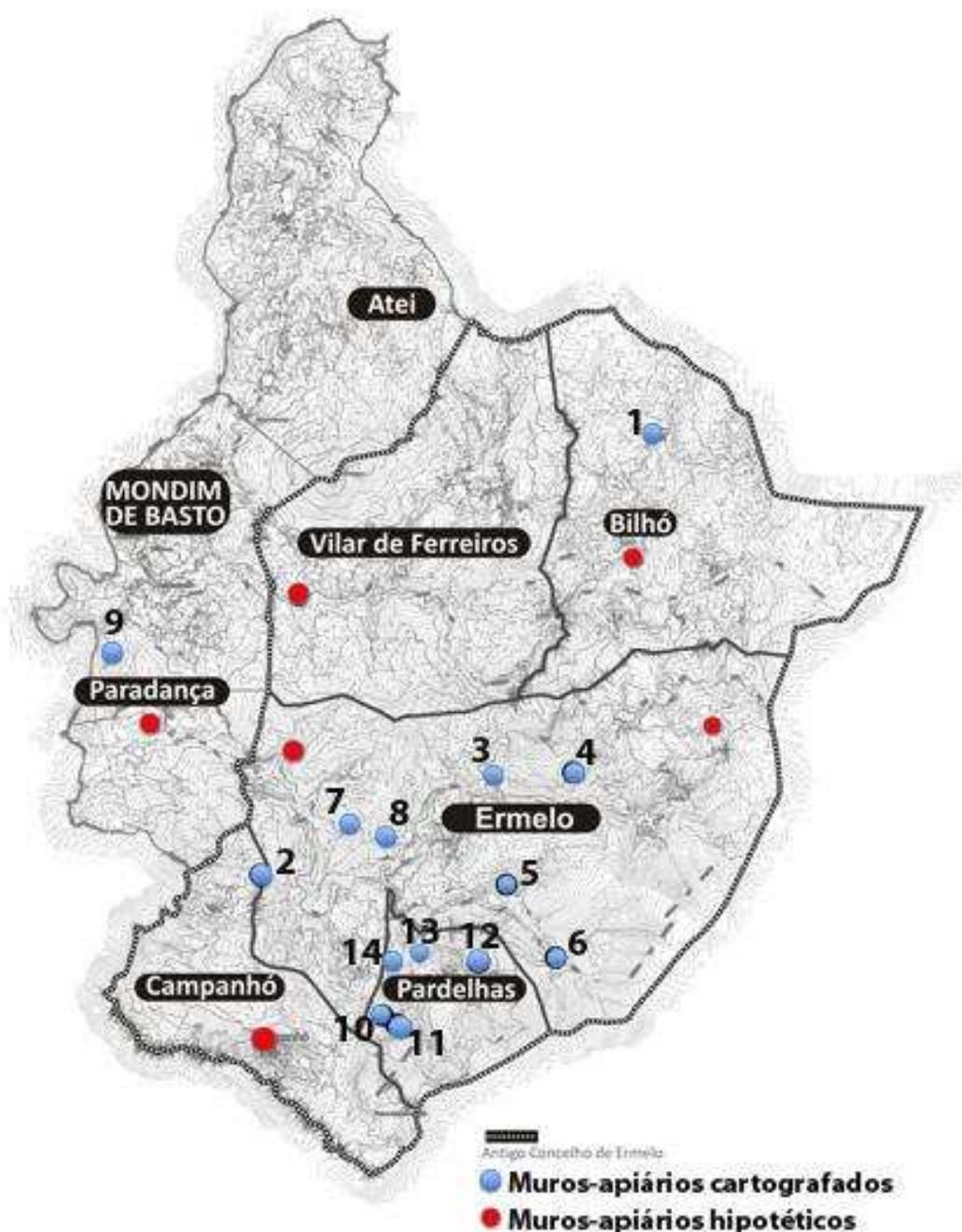


Figura 3. Distribuição de muros-apiários no município de Mondim de Basto.

9. Agradecemos a Fernando Gomes, de Mondim de Basto, as informações e fotografias que teve a amabilidade de nos ceder dos muros que encontrou no Bilhó e nas Malhadas, em Campanhó.

MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis



Figura 4. Implantação do Muro 1 de Requeixo na encosta pedregosa.

A maioria dos muros encontra-se bastante arruinada, sendo extrema nos casos de Fontão, Sarrazedo e Longarinho. Aqui, os muros não excedem 1.00m de altura. Porém, encontramos alguns exemplares onde ainda se ultrapassam os 2.00m, destacando-se neste caso os Muros de Lampaça, Requeixo e Paradela.

A colocação na encosta trouxe como consequência o interior dos muros-apiários ser inclinado, razão por que se criaram patamares no sentido de horizontalizar o terreno (Fig. 9) tornando-o adequado à sua função. Com larguras variáveis, estes patamares são por vezes estruturados por muros de sustentação e a sua superfície revestida com lajes nos sítios onde eram colocados os cortiços. Num dos muros de Bilhó, encontra-se no interior um tipo de prateleiras, em granito, que os locais chamam “gavetas” destinadas à colocação dos cortiços (Fig. 10).

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis



Figura 5. Utilização de lousas no lajeado e nas tampas dos cortiços.



Figura 6. Paramento do Muro 1 de Paradela, em xisto, com pedra assente a seco.



Figura 7. Remate do Muro 1 de Requeixo com lajes de xisto colocadas obliquamente.

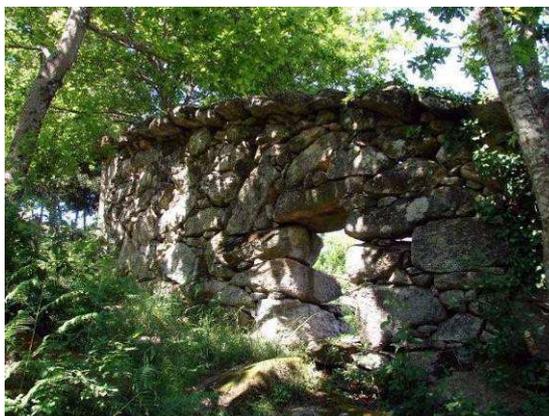


Figura 8. Beirado do Muro 1 de Bilhó.



Figura 9. Patamares do Muro 2 de Paradela.



Figura 10. "Gavetas" do Muro 1 de Bilhó.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

No muro-apiário 1 de Paradela foi encontrado um bloco com a data de 1757 gravada na superfície (Fig. 11). O afastamento deste muro, relativamente a outras arquitecturas vernaculares, deverá inviabilizar a hipótese desta pedra ser originária de outro edifício, tendo sido reutilizada nesta construção. Deste modo, este elemento de cronologia absoluta, o único que conhecemos até à data, afigura-se da maior importância tendo em conta o conservadorismo das técnicas construtivas e dos materiais utilizados.

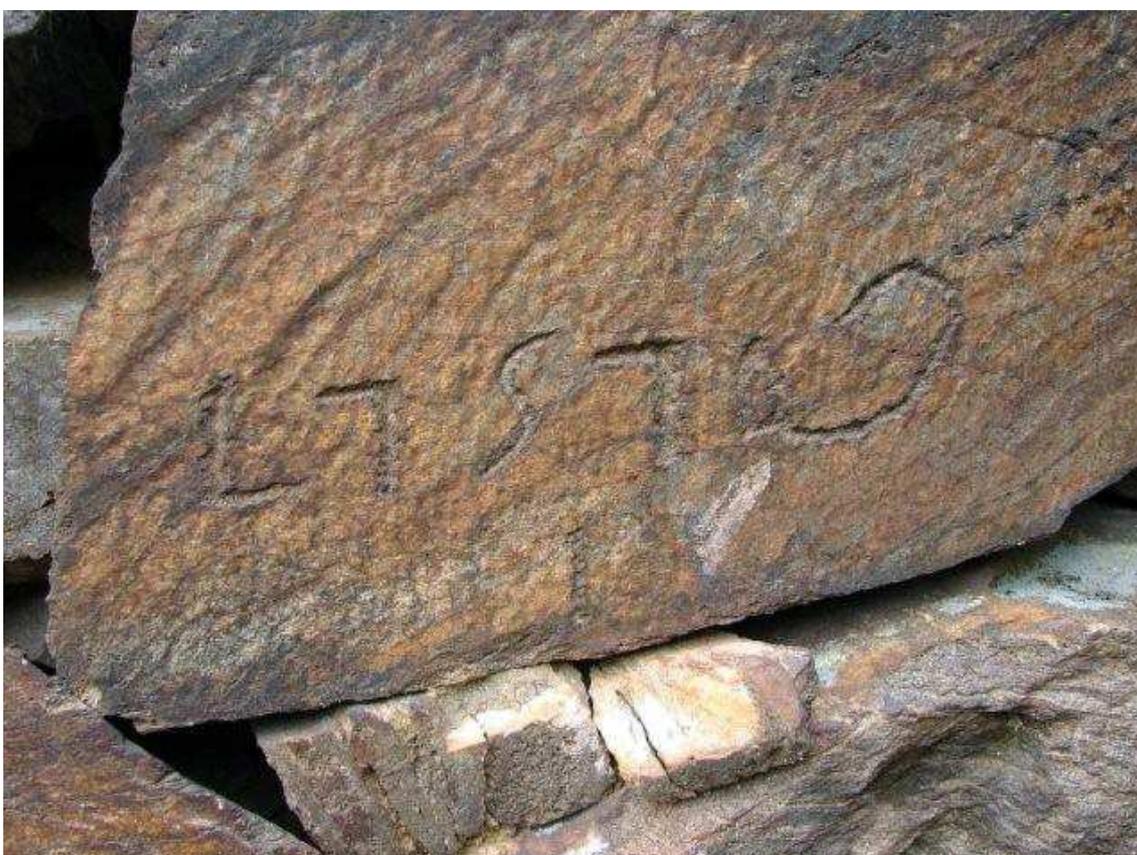


Figura 11. Data gravada no Muro 1 de Paradela.

O muro de Sarrazedo possui no seu interior um sobreiro e no interior do da Abelheira crescem oliveiras, árvores que se encontram protegidas do gado que pasta na área envolvente.

Recentemente, os muros de Sarrazedo e da Lampaça foram reutilizados observando-se as colmeias móveis que ainda encerram.

Ao contrário do observado noutras regiões, nomeadamente na bacia do médio Tejo (HENRIQUES et, alii 1999-2000, 339-340), em nenhum dos muros visitados se registaram estruturas de apoio à actividade apícola.

3. Inventário

No território considerado neste estudo, cartografámos, nos últimos quatro anos, vinte e um muros-apiários, no geral abandonados e em ruína, distribuídos pelas freguesias de Bilhó (muro de Travassos), de Campanhó (muros de Longarinho, com 4 exemplares), de Ermelo (muros da Abelheira, Fontão, Lapaça, Sarrazedo, Várzea e Rio de Sião), de Mondim de Basto (muros de Paradela, com 2 exemplares) e de Pardelhas (muros de Toutiço, Pinchadouro, Ribeira, Torneiros e Requeixo, com 4 exemplares).

No conjunto das oito freguesias do município, apenas na de Atei não se registou, até ao momento, qualquer indício da presença destas construções. A recolha de informações junto da população permite admitir a existência de muros de abelhas na envolvência da povoação da Cainha, na freguesia de Vilar de Ferreiros e em Paradaça. O trabalho futuro passa, pois, pela prospecção nestas duas aldeias, assim como em Fervença, Várzea e Carrazedo, na freguesia de Ermelo e nas povoações do Bilhó e Campanhó, das freguesias homónimas, de onde nos chegaram importantes dados que elevarão para mais de três dezenas o número total de muros existentes no concelho.

Para facilitar a leitura do inventário que segue, procurámos uniformizar as descrições, se bem que seja desigual a informação que possuímos para cada um dos exemplares. Este facto está relacionado com o grau de consecussão dos objectivos definidos no projecto, cuja concretização passa, fundamentalmente, pelo trabalho de campo. De qualquer forma, havendo já um conjunto substancial de dados destes muros-apiários e sabendo que noutras regiões do país, e fora dele, existem projectos de investigação semelhantes ao nosso, não quisemos deixar de partilhar os nossos resultados, cientes de estarmos a contribuir para o avanço do conhecimento numa área onde há ainda muito para fazer.

3.1. Freguesia de Atei

Não se conhecem, até ao momento, quaisquer referências à existência de muros de abelhas nesta freguesia.

3.2. Freguesia de Bilhó

Embora os trabalhos de campo, nesta freguesia, estejam ainda numa fase inicial, já se identificaram quatro muros-apiários, três na aldeia de Bilhó e um em Travassos. Dos três primeiros, que ainda não visitámos, possuímos fotografias (Fig. 12) que mostram algumas particularidades, nomeadamente a existência de beirados e de um tipo de prateleiras, em granito, para colocação dos cortiços, no interior de um deles.

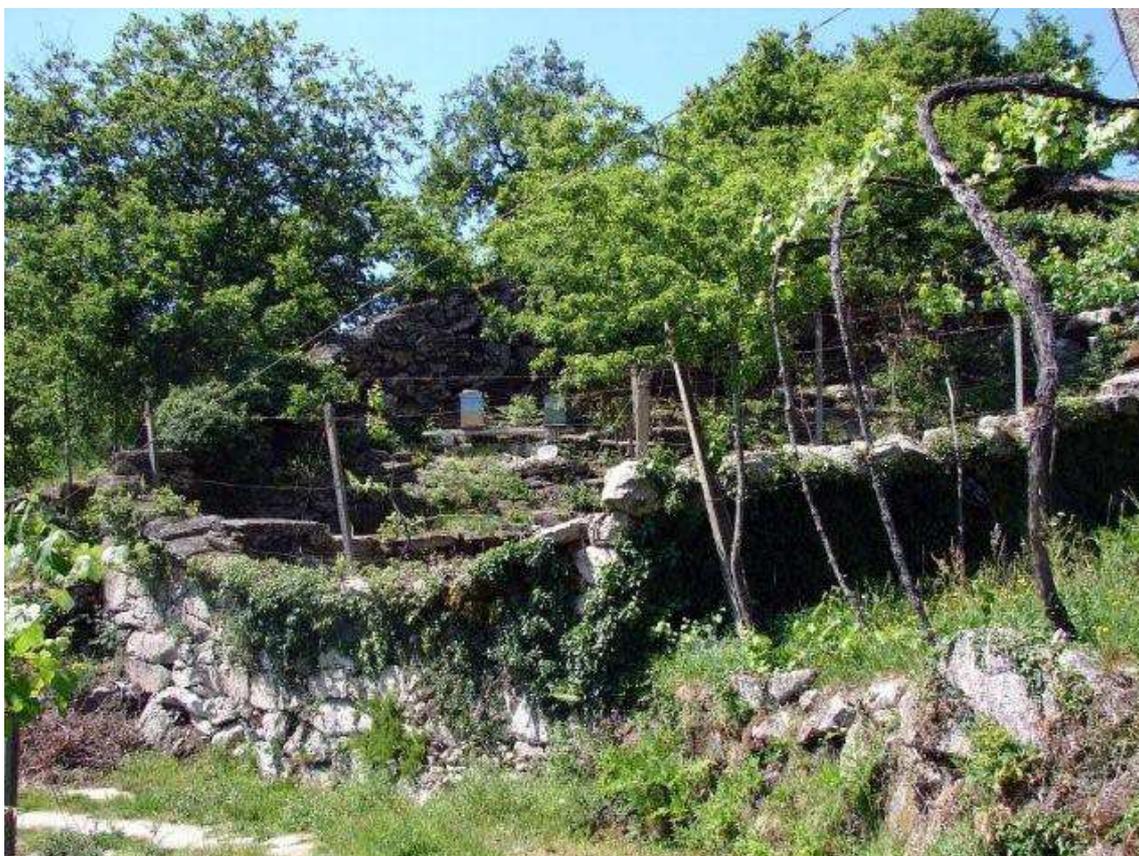


Figura 12. Muro 1 de Bilhó.

Quanto ao muro de Travassos, identificado recentemente, apresentam-se as suas características.

Muro de Travassos (1)

Lat. 41° 25' 17" N

Long. 07° 50' 30" W

Alt. 640m (CMP, fl. 87)

Implantação na encosta, voltada a Sudoeste, sobranceira ao rio Cabril, na sua margem direita, próxima da zona de confluência de uma linha de água, seca no estio.

O acesso é feito pela estrada que liga Travassos à aldeia de Covelo, tomando o primeiro carreiro à direita, após atravessar o pontão sobre o Cabril.

O muro possui planta subcircular, com cerca de 20m de diâmetro, construído em alvenaria de granito com muros de aparelho irregular e pedras assentes a seco, com espessura a rondar 1.00m. Abandonado e já bastante arruinado, conserva alguns tramos onde se regista uma altura máxima de 2.00m. No interior estruturam-se três plataformas, com cerca de 2.40m de largura, observando-se, ainda, alguns lajeados e cortiços abandonados com as respectivas tampas de lousa.

3.3. Freguesia de Campanhó

Registam-se, nesta freguesia, sete muros-apiários, junto às aldeias de Campanhó (os muros de Malhadas, Cidral e Motorto) e de Tejão (quatro muros no Longarinho). Os três primeiros ainda não foram por nós observados mas possuímos informações orais sobre a sua existência e diversas fotografias do muro de Malhadas, com planta subcircular (Fig. 13). Relativamente aos muros de Tejão, segue a sua caracterização.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**
António Pereira Dinis & A. Mário Dinis



Figura 13. Muro de Malhadas, de planta subcircular.



Figura 14. Vista geral dos Muros de Longarinho.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

Muros de Longarinho (2)

Lat. 41° 20' 37" N

Long. 07° 56' 30" W

Alt. 430-450m (CMP, fl. 100)

Conjunto de quatro muros implantados em terreno baldio de utilização florestal, ardido recentemente, numa encosta voltada a Noroeste, na margem esquerda o rio Olo, junto da ribeira do Longarinho (Fig. 14).

O acesso é feito por caminho de pé posto, a partir da aldeia de Tejão na direcção da Tapada das Víboras.



Figura 15. Muros 1 e 2 de Longarinho.

Os muros, escalonados na encosta e adossados dois a dois, são construídos em alvenaria de xisto, com aparelho irregular e pedras assentes a seco, apresentando-se muito arruinados em

MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

grandes extensões. O primeiro, colocado à cota mais elevada, e o segundo, adossado àquele, têm planta irregular, com tendência subrectangular e cantos arredondados (Fig. 15). O terceiro e o quarto, adossados e separados poucos metros dos primeiros, apresentam planta subcircular e em U, respectivamente (Fig. 16).

Embora estejam muito arruinados, denotam-se os patamares que organizavam o seu interior, particularmente no muro implantado na cota inferior, aquele onde ainda se observa a porta de entrada, estruturada por duas ombreiras e pequenas pedras a formar a soleira. Tendo em conta a presença de restos de cortiços e tampas de lousa, presume-se que estes muros, mesmo derrubados, tenham sido utilizados até à ocorrência do incêndio recente que alterou toda a encosta.

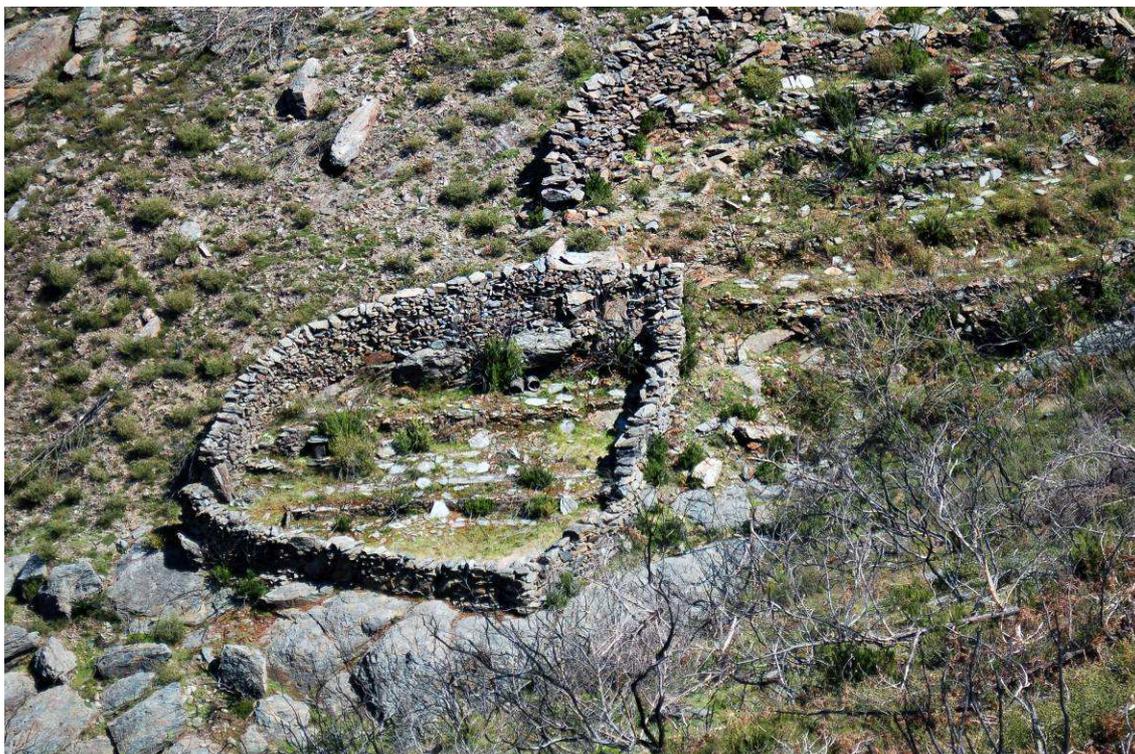


Figura 16. Muros 3 e 4 de Longarinho.

3.4. Freguesia de Ermelo

Na freguesia de Ermelo já se cartografaram seis muros – Sarrazedo, Várzea, Abelheira, Fontão, Lampaça e Rio de Sião, havendo pelo menos outras quatro construções, duas na Várzea a

juntar ao exemplar já observado e duas em Fervença – o Muro do Catulo e um outro acima do regato do Ervedeiro.

Na CMP 1:25.000, fl.101, a Norte da aldeia de Carrazedo, regista-se o topónimo Alto da Cilha de Cima, o que poderá indiciar existirem mais construções naquela localidade. É provável, também, que o Muro da Abelheira não esteja isolado já que alguns idosos de Ermelo apontam esse sítio como um dos preferidos, no passado, para a colocação das abelhas.

Muro da Abelheira (3)

Lat. 41° 22' 00" N

Long. 07° 53'11" W

Alt. 340m (CMP, fl. 101)

Implantação na encosta voltada a Sudeste, sobranceira ao rio Olo, na sua margem direita. O local encontra-se com vegetação muito densa e algo perturbado pela utilização dos muros como socalcos agricultados.

O acesso faz-se a partir da estrada asfaltada que vai para o miradouro das Fisgas de Ermelo, cortando no primeiro caminho de pé-posto que se encontra à direita.

Num provável recinto, tendencialmente circular, encontrámos plantadas oliveiras, bem protegidas do gado que pasta na envolvência pelos muros, ainda altos, que aí se encontram.

Muro de Fontão (4)

Lat. 41° 22' 04" N

Long. 07° 51'46" W

Alt. 450m (CMP, fl. 101)

MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

Implantação no sopé da encosta, na vertente Sul do monte, junto à ribeira da Fervença, afluente do rio Olo, na confluência de uma ribeira que corre a nascente da estrutura. Na mesma encosta, à cota 590m, fica um abrigo composto por duas cavidades abertas no afloramento rochoso, denominado a Lapa do Urso¹⁰ (DINIS 2009, 96).

O acesso é possível a partir da capela de S. João do Ermo, por caminho de pé-posto que segue para o Fontão, atravessando a ribeira da Fervença a vau.

O muro possui planta subcircular, com cerca de 7.00m de diâmetro e vão de entrada voltado a poente (Fig. 17). O perímetro está definido por muro de alvenaria de quartzito e xisto, com aparelho irregular e pedra colocada a seco, integrando os afloramentos rochosos do local. Do lado nascente a estrutura é protegida pela ravina criada por uma linha de água que corre para a ribeira. No interior organizam-se quatro patamares horizontais, com “*estradoilas*” para assentamento das colmeias.



Figura 17. Muro de Fontão.

10. É tentador pensar que a implantação de um muro-apiário no sopé desta encosta possa relacionar-se directamente com a existência de ursos nas proximidades, tal como sugere o topónimo.

MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

A construção foi abandonada nos finais do século passado, na sequência de um grande incêndio florestal, encontrando-se parte dos muros já caídos. No interior observam-se, ainda, restos dos antigos cortiços¹¹.



Figura 18. Muro de Lampaça.

Muro da Lampaça (5)

Lat. 41° 21' 07" N

Long. 07° 52' 34" W

Alt. 540m (CMP, fl. 101)

Também denominado Muro de Arjeriz (DINIS *et alii* 2009, 503), esta construção está implantada no sopé da encosta, na vertente Oeste do monte, junto ao ribeiro do Moiro, em terreno baldio, de apetência florestal mas actualmente despido devido aos incêndios.

11. Segundo informação de Manuel Marinho da Costa, o seu pai, proprietário de Ermelo, há cerca de 40 anos ainda colocava abelhas neste cercado.

O acesso é feito a partir do Km 151.5 da E.N. 304, descendo na direcção da antiga estrada que seguia para a ponte da Várzea.

Construção de planta subcircular, com perímetro totalmente definido por muro de alvenaria de xisto, conservando cerca de 2m de altura e algumas lajes do antigo capeamento (Fig. 18). Do lado NO. é protegida pela ravina criada pelo ribeiro. No interior, com acesso por porta rasgada de poente, estruturam-se quatro patamares horizontalizados, com “*estradoilas*” para assentamento das colmeias.

Alguns paramentos do muro foram reconstruídos recentemente, tendo sido repovoada com colmeias pertencentes a Avelino Henrique, apicultor de Ermelo.

Muro de Rio de Sião (6)

Lat. 41° 20' 22" N

Long. 07° 51' 53" W

Alt. 620m (CMP, fl. 101)

Implantação no sopé da encosta, na vertente Sul do monte, junto da confluência do ribeiro do Bouço com o rio de Sião, em terreno baldio de apetência florestal (Fig. 19).

O acesso faz-se a partir do Km 153.2 da E.N. 304, descendo por caminho de pé-posto, na direcção do rio do Sião.

Muro de planta subrectangular, com cantos arredondados, com cerca de 14m de diâmetro e perímetro definido por muro de alvenaria de xisto, com espessura variável entre 0.50 e 0.60m, no geral derrubado. No interior estruturam-se três patamares com muros a segurar os socalcos, sendo os pavimentos lajeados com “*estradoilas*”, de lousa.

O que resta dos muros e das plataformas foi há poucos anos limpo da vegetação que os ocultava, tendo sido colocados alguns cortiços pertencentes ao apicultor atrás referido. Segundo este informador, cabem nesta construção entre 50 e 60 cortiços.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis



Figura 19. Muro de Rio de Sião.

Muro de Sarrazedo (7)

Lat. 41° 21' 08" N

Long. 07° 54' 27" W

Alt. 310m (CMP, fl. 101)

Implantação no sopé da encosta, na vertente voltada a Sul, sobranceiro ao rio Olo, em terreno baldio de apetência florestal.

O acesso é possível a partir do Km 144.3 da E.N. 304, descendo por caminho de pé-posto, na direcção do rio Olo.

Construção de planta circular, com perímetro definido por muro baixo em alvenaria de xisto, com vão de acesso estreito colocado a Sul (Fig. 20). No interior estruturam-se quatro patamares onde foram recentemente colocados cortiços e caixas de abelhas.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis



Figura 20. Muro de Sarrazedo

Muro da Várzea (8)

Lat. 41° 21' 17" N

Long. 07° 54' 12" W

Alt. 299m (CMP, fl. 101)

Implantação na vertente sobranceira ao rio Olo, à margem do antigo caminho que ligava Ermelo a Mondim de Basto.

O acesso faz-se a partir da ponte medieval sobre o Olo, tomando o caminho velho para Paradança.

Planta subcircular, com vão de entrada, cerrado por porta de madeira, voltado a Sul. Perímetro definido por muro de xisto, conservando ainda uma altura considerável. No interior, não obstante o denso mato que o cobre, vislumbram-se os patamares horizontais para assentamento das colmeias.

3.5. Freguesia de Mondim de Basto

Muros de Paradela (9)

Lat. 41° 23' 29" N

Long. 07° 57' 46" W

Alt. 240m (CMP, fl. 86)

Conjunto de dois muros, localizados a curta distância um do outro, implantados no sopé da encosta, na vertente Oeste do monte, sobranceiro ao rio Tâmega.

O acesso é possível a partir do Km 134 da E.N. 304, por caminho de pé-posto paralelo ao rio.

O muro 1 tem planta subcircular e porta rectangular, colocada a nascente (Figs. 21 e 22). O perímetro está definido por muro de alvenaria de xisto, com aparelho irregular e pedra colocada a seco, tendo num dos blocos gravada a data de 1757. No interior percebem-se quatro patamares, muito assoreados, onde assentavam os cortiços de abelhas.



Figura 21. Muro 1 de Paradela.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

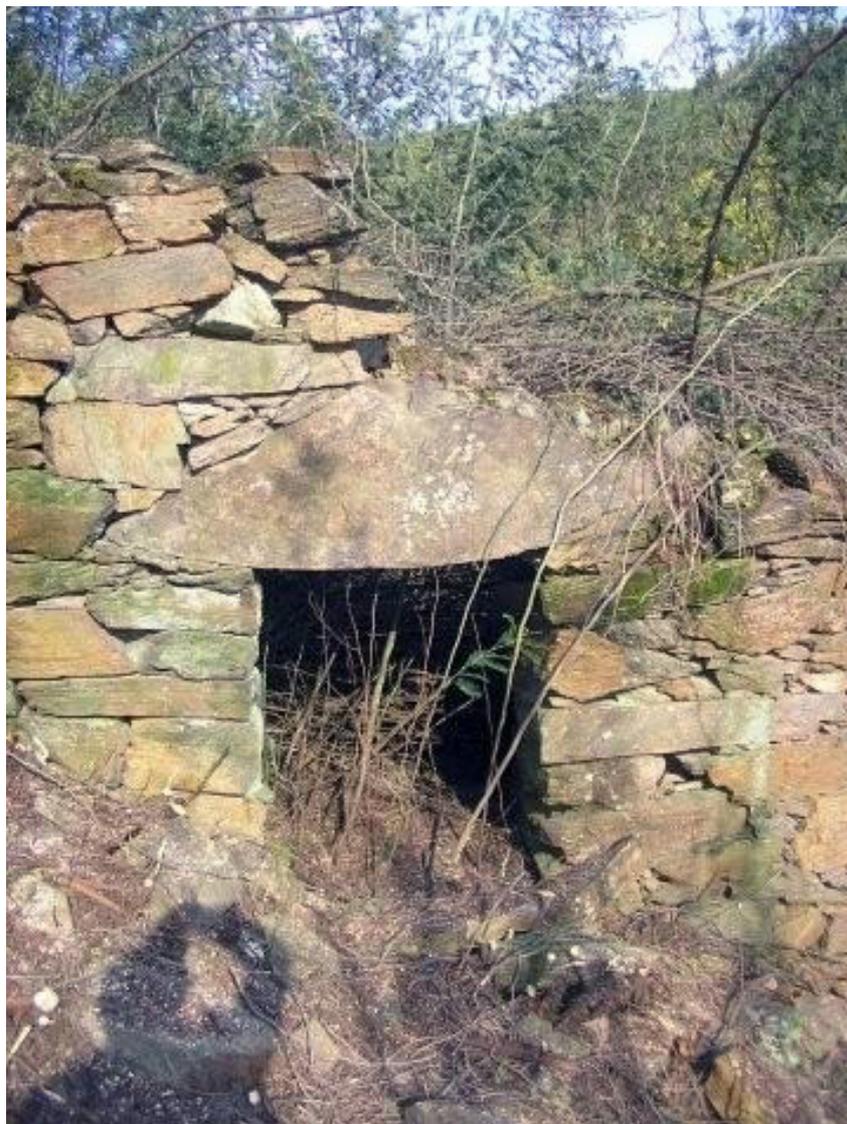


Figura 22. Porta do Muro 1 de Paradela.

O muro 2, colocado numa cota ligeiramente inferior, possui planta rectangular com os cantos arredondados e pequena porta de acesso do lado poente. No interior estruturam-se pelo menos três patamares definidos por muro de xisto.

Estes dois muros foram recentemente limpos da densa vegetação que os ocultava, numa acção meritória levada a cabo pela Junta de Freguesia de Mondim de Basto.

3.6. Freguesia de Paradança

Embora não se tenha ainda iniciado o reconhecimento de campo nesta freguesia, de acordo com informação do Sr. Eng. Alfredo Pinto Coelho Mendonça existe um muro-apiário, que é propriedade de familiares.



Figura 23. Muro 2 de Paradela.

3.7. Freguesia de Pardelhas

Na freguesia de Pardelhas já se cartografaram oito muros – Pinchadouro, Toutiço, Torneiros, Ribeira e Requeixo, com quatro exemplares, havendo a possibilidade de existirem mais construções junto do Pinchadouro.

Tendo em linha de conta que a freguesia é constituída por uma única aldeia, habitada por um número reduzido de pessoas, o conjunto de muros aqui identificado mostra a mais elevada concentração destas estruturas e o grande envolvimento da população na actividade apícola.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

Muro de Pinchadouro (10)

Lat. 41° 19' 46" N

Long. 07° 54' 15" W

Alt. 530m (CMP, fl. 101)

Implantação na encosta voltada a poente, sobranceira ao ribeiro do Chão do Rosso, afluente do rio Freixieiro.

O acesso faz-se por caminho de pé-posto, a partir da aldeia de Paço na direcção de Freixieiro.

Construção de planta em ferradura, com muros de alvenaria de xisto, alguns deles com altura de 2.00m e vão de acesso, rectangular, a Sul. No interior estruturam-se quatro plataformas, observando-se muitas lousas das “*estradoilas*” e das tampas dos cortiços.



Figura 24. Muro de Pinchadouro.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

Muro do Toutiço (11)

Lat. 41° 19' 41" N

Long. 07° 54' 03" W

Alt. 496 (CMP, fl. 101)

Implantação na vertente SE. de um morro pedregoso que se ergue num meandro do ribeiro do Chão do Rosso, em terreno baldio coberto com alguma vegetação rasteira.

O acesso faz-se por caminho de pé-posto, a partir da aldeia de Paço na direcção de Freixieiro.

Construção de planta subcircular, com muros de alvenaria de xisto, muito arruinados.

Há cerca de 50 anos, ainda eram colocadas dezenas de cortiços de abelhas neste muro.

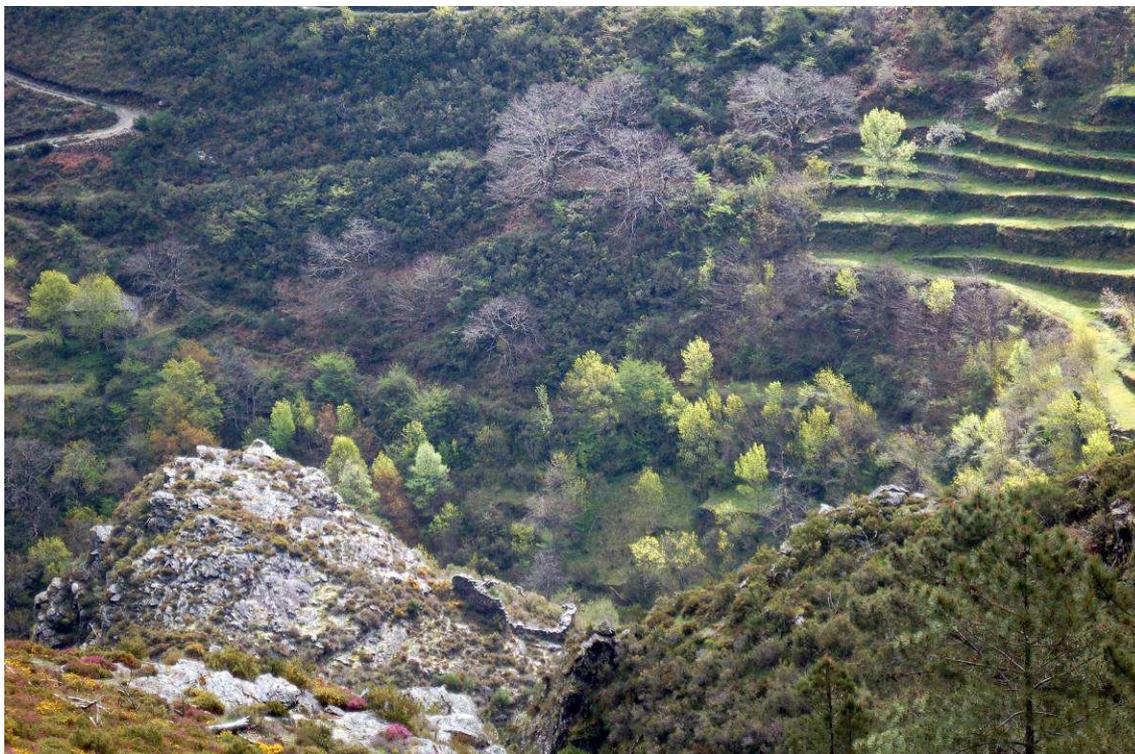


Figura 25. Muro de Toutiço.

**MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO**

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

Muros de Requeixo (12)

Lat. 41° 20' 17" N

Long. 07° 53' 01" W

Alt. 500-460m (CMP, fl. 101)

Conjunto de quatro monumentos, construídos em alvenaria de xisto e quartzito, implantados na encosta voltada a poente, sobre o ribeiro da Moura, afluente do rio Freixieiro, em terreno baldio, pedregoso, onde cresce alguma vegetação rasteira constituída por urze e carqueja.



Figura 26. Muro 1 de Requeixo.

Enquanto os muros 1 a 3 formam um conjunto alinhado, encosta abaixo, paralelamente a um regato que drena para o ribeiro da Moura, o muro 4 está isolado, separado daqueles pela linha de água, ao longo da qual, entre castanheiros, carvalhos, amieiros, salgueiros e medronheiro, crescem muitos pirliteiros, escalheiros ou escambroeiros. Na envolvente Norte existe denso

MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

pinhal e na outra margem do ribeiro, nos socalcos do lado de Pardelhas, cultivava-se milho e erva onde pasta o gado bovino.

O acesso é feito a partir da estrada asfaltada para Pardelhas, por um carreiro estreito rasgado na encosta.

O muro 1 é uma construção de planta tendencialmente circular, sendo o mais pequeno e melhor conservado do conjunto. Os muros de Norte ainda mantêm uma altura considerável e possuem capeamento no topo, constituído por lajes colocadas obliquamente. O interior organizado em vários patamares revela, ainda, alguns lajeados com “*estradoilas*” onde assentam três cortiços e duas caixas com abelhas. O lado voltado ao regato apenas tem o muro de contenção da plataforma, criado para vencer o desnível existente.



Figura 27. Muros 1 e 2 de Requeixo.

O muro 2 é a maior construção do conjunto, com cerca de 25m de diâmetro, situando-se entre os muros 1 e 3. Tem planta em forma de ferradura, estando o segmento de muro, em semicírculo, já bastante destruído e a parte recta voltada ao regato, funcionando como sapata de contenção.

MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

O interior é muito rochoso e já não se distinguem os patamares. É visível, do lado voltado a Sul, uma entrada com uma ombreira bem definida.

O muro 3 apresenta planta, subquadrangular, com cantos arredondados, de pequenas dimensões, integrando, do lado Sul, grande penedia que torna mais difícil o acesso. Possui muros em alvenaria de xisto, com altura ainda considerável e capeamento bem conservado, o que lhe confere o aspecto de “fortaleza”. No interior, distribuídos por vários patamares, assentam cortiços, cobertos com lousas. No lado junto ao regato o muro é relativamente baixo, assumindo-se como sapata de contenção do talude.



Figura 28. Muro 3 de Requeixo.

O muro 4 implanta-se sobre um morro, com escarpa impressionante que cerra parcialmente o cercado. Apresenta planta semicircular e é o muro mais pequeno e o mais degradado dos quatro muros do conjunto. Possui muros em alvenaria de xisto e quartzito, com pedras dispostas a seco.



Figura 29. Muro 4 de Requeixo.

Muro da Ribeira (13)

Lat. 41° 20' 02" N

Long. 07° 53' 34" W

Alt. 390m (CMP, fl. 101)

Implantação na margem direita do ribeiro da Ribeira, na vertente SO. da Lomba Gorda, sobranceiro ao ribeiro.

O acesso faz-se por caminho de pé-posto, a partir da aldeia de Pardelhas na direcção do ribeiro da Ribeira.

A construção em alvenaria de xisto está completamente encoberta pela densa vegetação.

Muro de Torneiros (14)

Lat. 41° 20' 20" N

Long. 07° 53' 48" W

Alt. 400m (CMP, fl. 101)

Implantação na margem direita do ribeiro da Ribeira, na vertente SO. da Lomba Gorda, sobranceiro àquele ribeiro na confluência com o ribeiro do Chão do Rosso.

O acesso faz-se por caminho de pé-posto, a partir da aldeia de Pardelhas na direcção do ribeiro da Ribeira.

A construção em alvenaria de xisto está completamente encoberta pela densa vegetação.

3.8. Freguesia de Vilar de Ferreiros

Embora ainda não se tenha feito trabalho de prospecção de campo regista-se a informação da existência de dois muros-apiários, na envolvência da aldeia de Cainha.

4. Considerações finais

O trabalho de actualização de dados para a revisão do PDM de Mondim de Basto trouxe à luz do dia um conjunto de arquitecturas monumentais, construídas em alvenaria de granito, quartzito e xisto, denominadas localmente como muros de abelhas ou silhas e destinadas a proteger os enxames dos seus grandes predadores, os texugos e, no passado, os ursos pardos.

Concentrando-se principalmente na área confinante às serras do Alvão e Marão, no território pertencente ao antigo concelho de Ermelo, estas edificações atestam a importância da apicultura, ao longo dos séculos, neste micro-espaco da região de Basto.

Na ausência de trabalhos de escavação arqueológica que possam contextualizar estas construções, a inserção cronológica dos muros-apiários, tal como ocorre com a maioria das

MUROS-APIÁRIOS DAS SERRAS DO ALVÃO E MARÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA O SEU ESTUDO E PRESERVAÇÃO

António Pereira Dinis & A. Mário Dinis

estruturas conectadas com as práticas agro-silvo-pastoris, torna-se praticamente impossível, face ao conservadorismo das técnicas construtivas e à utilização dos mesmos cercados ao longo de séculos, cuja diacronia só se torna perceptível pelas marcas de reparações dos estragos que o tempo impôs. Por isso, não obstante a grande importância que os muros de abelhas de Mondim de Basto poderiam assumir no conhecimento da evolução da arquitectura vernacular e na história económica e social local e regional, a informação que é apreendida resulta escassa. Resta-nos, todavia, a relação que é lícito fazer entre estas arquitecturas e a permanência de ursos na região, servindo-nos da extinção destes mamíferos como referencial cronológico para a implantação das edificações em estudo.

Independentemente da falta de respostas para a maior parte das dúvidas que gostaríamos ver solucionadas, a monumentalidade destas construções e a sua relevância no contexto da arqueologia municipal justificam uma acção concertada tendente à sua salvaguarda. Assim sendo, impõe-se que estas memórias, sejam objecto de proposta de classificação como Imóveis de Interesse Público, depois de devidamente valorizadas - através do arranjo dos acessos e da envolvência, da colocação de informação nos locais e de placas identificadoras nas vias de comunicação - e passem a integrar os roteiros turísticos, por forma a tornarem-se espaços de aprendizagem e bens de fruição pública.

Referências bibliográficas

CAETANO, Paulo & FERREIRA, Joaquim Pedro (2003). *Ibéria Selvagem*, Ed. Má-Criação, s/l.

CAPELA, José Viriato (2003). *As freguesias do distrito de Braga nas Memórias paroquiais de 1758. A construção do imaginário minhoto setecentista*, Braga.

CAPELA, José Viriato; BORRALHEIRO, Rogério & MATOS, Henrique (2006). *As freguesias do distrito de Vila Real nas Memórias paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*, Braga.

DINIS, António Pereira (2009). *Carta Arqueológica de Mondim de Basto*, Câmara Municipal de Mondim de Basto, Mondim de Basto.

DINIS, António Pereira; BASTOS, Rui & DINIS, António Mário (2009). **Silhas do antigo concelho de Ermelo: um projecto de estudo e valorização do património de Mondim de Basto**, *Revista Aquae Flaviae*, nº 41, Chaves, pp. 499 – 510.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CORREIA, Fernando Branco; SANTOS, Cassilda & GARDETE, José Joaquim (1999-2000). **Muros-apiários da bacia média do Tejo (regiões de Castelo Branco e Cáceres)**, *Revista Ibn Maruan*, nº 9/10, Câmara Municipal de Marvão, Marvão, pp. 329 – 363.

JORGE, Luísa (1996). **Retratos. Ermelo 1196 – 1996**, Instituto de Conservação da Natureza e Parque Natural do Alvão, Lisboa.

LOPES, Eduardo Teixeira (1996). **Ermelo - História há 800 anos**, Ed. de autor, Mondim de Basto.

LOPES, Eduardo Teixeira (2000). **Mondim de Basto - Memórias Históricas**, Ed. de autor, Mondim de Basto.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1996). **A circulação e a troca de produtos**, in Portugal em Definição de Fronteiras; Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV, *Nova História de Portugal*, vol. III, dir. de A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão, Lisboa.

SARMENTO, Francisco Martins (1999). **Antiqua, Apontamentos de Arqueologia**, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.

SEQUEIRA, Eduardo (s/d). **As abelhas**, Editorial Domingos Barreira, Porto.